



## A Era Pós-Mídia Desenhada nas Rádios Livres: o Pensamento de Félix Guattari<sup>1</sup>

Mágda Rodrigues da Cunha<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### Resumo

Félix Guattari produz uma teoria do rádio a partir de seu pensamento sobre as rádios livres? O especialista em “transversalidade, elementos inconscientes que trabalham secretamente especialidades por vezes muito heterogêneas” vai além. Fala de uma sociedade pós-midiática, conforme aborda este artigo. Os progressos da informática tornariam possível uma larga difusão de combinações rizomáticas. Guattari pensa as rádios livres como revoluções moleculares, criando mutações na subjetividade consciente e inconsciente dos indivíduos e dos grupos sociais.

### Palavras-chave

Rádios-livres; Félix Guattari; sociedade pós-midiática

### Corpo do trabalho

Milhões e milhões de Alices no ar

*“Perigo iminente. Atenção, a menor linha de fuga pode fazer explodir tudo. Vigilância especial aos pequenos grupos perversos propulsando palavras, inventando frases, atitudes suscetíveis de contaminar populações inteiras. Neutralizar, prioritariamente, todos aqueles que poderiam ter acesso a uma antena. Guetos por toda parte – autogeridos, se possível – microgulags por toda parte, até mesmo na família, no casal e inclusive na cabeça, de modo a segurar cada indivíduo, dia e noite.*

*“Eles falam, eles falam, tudo bem, eles falam o tempo todo. Eles lançam sinais, palavras, pedaços de sinais, pedaços de palavras para nos obrigar a aceitar nosso papel de filho, de mulher, de pai, de operário, de estudante, para nos ensinar a fazer bonito, a ser disciplinado, a obedecer, a trabalhar...”*

*“O terror se enraíza no cotidiano, terror da prisão e do asilo, da caserna e do desemprego, da família e do sexismo. Terror contra os desejos para reduzir o cotidiano à forma miserável na qual a Igreja, a família e o Estado o enclausuraram desde sempre. Mas a luta de classes rompe com a dominação na fábrica, o compartilhar*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Jornalista, professora de Radiojornalismo da FAMECOS/PUCRS, Mestre em Comunicação Social, Doutora em Letras. mrcunha@puers.br



*rompe com a dominação pelo isolamento, o desejo transforma o cotidiano. E a escrita percorre transversalmente as ordens recompondo-as de maneira criativa.”*

*É preciso partir historicamente da crise da extrema-esquerda italiana após 72, particularmente um dos grupos mais vivos tanto no plano teórico quanto no prático: Potere Operaio.*

*Toda uma esfera de influência da extrema-esquerda se dispersou por ocasião desta crise, mas para animar movimentos de revolta em diferentes autonomias (nome que o vocabulário italiano dá aos setores particulares: mulheres, jovens, homossexuais, etc.). Criaram-se então círculos político-culturais como, em Bolonha, o Gatto Selvaggio (gato selvagem), do qual partiu, em 1974, a iniciativa de Rádio Alice.*

*Após a fase de dispersão esboçou-se um processo de recomposição do movimento (palavra também muito importante no novo vocabulário italiano: Rádio Alice é uma rádio no movimento).*

*Após a supressão do Monopólio de Estado, mil rádios independentes se desenvolveram da extrema-esquerda à extrema-direita ou fazendo-se porta-vozes desse ou daquele setor particular.”*

Relacionar Félix Guattari e suas manifestações sobre rádios livres leva, antes de tudo, à necessidade de localizar o pensamento do autor e o fenômeno das rádios livres dentro de um determinado contexto, como ele mesmo aponta no início do prefácio ao livro de Machado, Magri e Masagão (1987).

Guattari pode ser considerado um teórico do rádio, conforme a proposta desta obra? Não exatamente. Segundo seu próprio pensamento, se tivesse que ser definido como especialista em alguma coisa, isto seria a “transversalidade, os elementos inconscientes que trabalham secretamente especialidades por vezes muito heterogêneas”. Mas por que Guattari pensou sobre as rádios livres? Porque elas representaram um movimento e Guattari é um homem de movimento: o anarquismo, o trotskismo, o PC, a Guerra da Argélia, o Vietnã, maio de 68, o Solidariedade polonês, os autônomos italianos e as Rádios Livres. “Rádio no Movimento. Rádio Alice é rádio no / do Movimento”.

Rádios livres, rádios piratas, rádios periféricas formam três frentes diversas de corrosão do monopólio estatal das telecomunicações, vigente na Inglaterra, na Itália e na França, até meados do século XX. O que leva o conceito de pirataria é um fenômeno



típicamente inglês. Já as periféricas emitem do exterior, não estando subordinadas à lei do monopólio.

O movimento das rádios livres começa na Itália, em 1975, visando perfurar o monopólio estatal das telecomunicações, através de emissões de rádio ilegais ou não autorizadas. Nasceram no bojo de movimentos políticos contestatórios e estimulam as pessoas a passar da condição passiva de ouvintes para a de agentes ativos de seus discursos e a colocar no ar as suas idéias, os seus prazeres, as suas músicas preferidas, sem precisar de autorização para isso. As faixas de onda são consideradas propriedade coletiva e cabe à coletividade usufruir delas.

A mais importante rádio do movimento é a Alice, de Bolonha, que começa a emitir em janeiro de 1986, como uma das derivações de um grupo diretamente mergulhado na ação política, o A/Traverso, responsável por reuniões públicas, atividades comunitárias, festas, uma revista periódica e encontros diários e informais na Piazza Maggiore. Alice se caracteriza pela recusa de assumir uma postura político-partidária definida nos termos convencionais e por trazer à discussão pública temas considerados malditos como o corpo, o desejo, o prazer e a preguiça. Com muita frequência, conforme Machado, Magri e Masagão (1987), mescla valores estéticos com ações políticas.

Sua primeira emissão começa com as seguintes palavras:

Rádio Alice emite: música, notícias, jardins amplos, conversações, invenções, descobrimentos, receitas, horóscopos, filtros mágicos, amor, partes de guerra, fotografias, mensagens, massagens e mentiras (Fadul, 1984:161).

A rádio é uma combinação de citações literárias, de música clássica, diálogos sem estrutura, linguagem desenfreada e reportagens dentro de acontecimentos diversos, tais como greves, ocupação de lugares, manifestações e festas. O sentido é o de Alice no país das maravilhas, no qual é cultivado o absurdo.

*“A originalidade de Alice era a de ultrapassar o caráter puramente “sociológico” , digamos assim, das rádios independentes, e de se assumir como projeto.*



*Rádio Alice entrou no olho do furacão cultural – subversão da linguagem, surgimento de um jornal A/traverso. Mas ela também estava diretamente mergulhada na ação política que quis “transversalizar”.*

*Alice, A/traverso, Rivista per l’Autonomia, Potere Operaio, Rosso, Giornale nel Movimento – agenciamento coletivo de enunciação. Teoria – técnica, poesia – devaneio – palavra de ordem – grupos – sexo – solidão – alegria – desespero – história – sentido – sem sentido”.*

Em março de 1977, Bolonha é palco de uma crise sem precedentes no âmbito das universidades, cujo resultado é um confronto violento com os policiais enviados pelo prefeito comunista, com saldo de um morto e vários feridos. A rádio Alice desempenha papel estratégico no conflito transmitindo notícias ao vivo enviadas por telefone diretamente pelos estudantes envolvidos. A emissora incita as pessoas a aderirem às manifestações e alerta sobre os deslocamentos da polícia e os focos de repressão. O poder de Estado considera intolerável a intervenção da rádio e ela é invadida por tropas policiais e seus articuladores presos e processados. A invasão é transmitida ao vivo até o último momento.

Mas, há um fator que deve ser considerado sobre o estágio anterior ao fenômeno das rádios livres, conforme palavras do próprio Guattari (1986:105). Tanto no âmbito da TV quanto no do rádio há uma “inchação” burocrática incrível dos órgãos de emissão. Trata-se de uma máquina que é um verdadeiro “monstro burocrático”. Na fase inicial, segundo ele, o fenômeno reunia apenas uma minoria. “O pessoal das rádios livres era um bando de loucos, um pouco como D. Quixote atacando o grande monopólio”. O fenômeno ganhou força rapidamente, produzindo impacto sobre a grande mídia. Depois “esse pequeno grupo de camaradas, diretamente inspirados pelos italianos”, viu sua iniciativa estende-se por toda a França.

“Muitas vezes, duas ou três pessoas colocavam os equipamentos em uma cozinha e começavam a emitir”(Guattari, 1986:105). Em 11 de março de 1977, durante uma emissão da Rádio Alice, um ouvinte interrompe o programa para descrever, de seu apartamento, o combate entre a polícia e manifestantes (estudantes). O relato desse ouvinte, um caricaturista chamado Bonvi, sem vínculo partidário algum, conforme descrevem Machado, Magri e Masagão (1987:92), lembra o calor do radialista de futebol quando seu time está em campo.



“Aqui Bonvi, do Sturmtruppen (história em quadrinhos cujo título significa em alemão: Tropas de Assalto). Escutem então. A situação é a seguinte: o admirável, o fantástico, é que os camaradas eram comunistas autênticos e que os não-filiados às federações se sentavam e combatiam de verdade... Agora, a polícia acaba de disparar gases lacrimogêneos que se espalham por toda Via Rizzoli...Escutem: a situação é confusa, porém é magnífico que a cidade reaja muito bem contra a provocação. Devolvo o telefone ao Gabriele...”

Havia grupos folclóricos e insignificantes e outros, desde o início, muito importantes. Logo apareceram grupos militantes, não profissionais, depois os militantes de bairro, aspectos que desencadearam uma repressão e, ao mesmo tempo, uma reação contra a repressão, uma intensa mobilização por parte de juristas e intelectuais. E, quanto mais as rádios livres eram reprimidas, mais elas se desenvolviam. O fenômeno que, no início era insignificante, fez florescer uma série de contradições entre o aparelho esclerosado das rádios estatais e as outras rádios. “Por outro lado, no nível que eu classificaria como molecular, entre um modelo de escuta previsível e essa coisa que se começa a ouvir e que era mutante”. (Guattari, 1986: 106)

Guattari (1986) entende que a rádio livre é uma utilização inteiramente diferente da mídia rádio. E neste sentido traça uma teoria não para o rádio, mas para aquele Rádio no/do Movimento. O autor reflete que não se trata de fazer como a rádio dominante, nem melhor, nem na mesma direção. Trata-se de encontrar um outro uso, uma outra relação de escuta, uma forma de feedback e de fazer falar línguas menores. É a promoção de um certo tipo de criação que não poderia acontecer em nenhum outro lugar.

O pensador, analista e homem de movimentos Félix Guattari é polêmico e inovador. Como analista, no início da década de 60, ainda marcado pelo pensamento lacaniano, inventa a análise institucional, uma crítica progressiva ao lacanismo, que se radicaliza após o encontro com Gilles Deleuze levando-o à esquizoanálise. Mas é seu trânsito entre os movimentos, a análise e o pensamento que chega ao que ele batiza de “micropolítica”. (Guattari, 1987: 127)

“A questão micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de “molar”), com aquele de chamei de “molecular”. Entre esses dois níveis não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição”.



Embora possa parecer difícil, como afirma Guattari, é preciso simplesmente mudar de lógica. O autor cita o exemplo da física quântica, onde foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. “Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares...”

As rádios livres, no pensamento do autor, a contestação do sistema de representação política, o questionamento da vida cotidiana, as reações de recusa ao trabalho em sua forma atual são vírus contaminando o corpo social em sua relação com o consumo, com a produção, com o lazer, com os meios de comunicação e com a cultura. São o que Guattari considera revoluções moleculares criando mutações na subjetividade consciente e inconsciente dos indivíduos e dos grupos sociais. Segundo ele, a possibilidade de reapropriação da mídia através das rádios livres pode subverter a modelização da subjetividade.

*“A verdadeira obra de arte é o corpo infinito do homem que se move através das incríveis mutações da existência particular.”*

*Acabar com a chantagem da miséria. Valor de desejo – valor de uso – valor trabalho. A aristocracia operária, o lumpen...Que miséria? Que trabalho? Reapropriação do tempo. O direito de esquecer da hora.*

*- Eu estava deitado na minha cama.*

*- Tudo bem, camarada, você estava cansado e tem o direito de descansar...*

*- Nada disso, eu estava lendo!*

*- Você tem razão, camarada, você estava lendo para elevar seu nível teórico e para se preparar para novos combates...*

*- Não sei. Talvez! Eu estava lendo Diabolik...*

*Acabar com a chantagem da miséria, a disciplina do trabalho, a ordem hierárquica, o sacrifício, a pátria, os interesses gerais. Tudo isto calou a voz do corpo. Todo o nosso tempo sempre foi consagrado ao trabalho, 8 horas por dia, duas horas de transporte, e depois descanso, televisão, refeição em família. Tudo que não encaixa no interior desta ordem é obsceno para a polícia e os magistrados.*

*Alice. Rádio linha de fuga. Agenciamento teoria – vida – prática – grupo – sexo – solidão – máquina – ternura – carinho. Acabar com a chantagem da cientificidade dos*



*conceitos. Os “intelectuais orgânicos” são os burocratas da teoria. Você entende, cara, tudo bem com a batalha semiológica, mas esse troço é um pouco como em Nanterre, com a sociologia em 68, ou em Ulm, com a epistemologia, ou em Sainte-Anne com a psicanálise... Reler Marx, Freud, Lênin, Gramsci... Talvez... mas tem também os enunciados, os gestos, o esboço de um mundo que nós mesmos agenciamos, os desvios maiores que operamos a partir de nossas línguas menores.*

*A prática da felicidade torna-se subversiva quando ela é coletiva”.*

Félix Guattari participou da Rádio Tomate criada por um núcleo de intelectuais e juristas logo após a tomada do poder pelos socialistas, que reagrupou elementos das várias rádios livres que existiam desde 1977. O grupo incorporou elementos do movimento autônomo e ocupou ilegalmente um local no centro de Paris. Diferente das rádios oficiais, eram convidados grupos inteiros de teatro para conversar e não apenas o líder. Se interessasse conversavam duas horas ou mais com eles. Numa rádio nos moldes comerciais não há como suportar entrevistas de duas horas, porque elas dependem de um índice de audiência, de uma certa suposição de como os ouvintes vão receber a mensagem. Nas rádios oficiais, as pessoas falam como acham que devem falar para serem ouvidas. Trata-se realmente de um outro modelo no qual as pessoas nos bairros, os malandros, pequenos bandidos começam a vir para o local, numa mistura de gente do bairro, com intelectuais, militantes e, em alguns momentos, até mendigos.

Se o modelo de programação já era diferente, esteticamente, conforme o pensamento de Guattari (1986: 109), as rádios livres também causaram impacto. “A coisa consiste em varrer as redundâncias dominantes. Um fato ainda merece destaque, segundo ele: dezenas de línguas começaram a ser faladas na rádio francesa. Algumas programações são exclusivamente em idiomas como o espanhol, italiano, alemão, polonês, basco ou bretão. Outras são bilíngües. “Outra coisa é a maneira de falar essas línguas: as formas de sintaxe, de retórica e de argumentação. Nada disso é feito dentro dos moldes dominantes (o que não quer dizer que as rádios livres não criem seus próprios moldes)”. Tanto que, quando as rádios livres na França sofreram os efeitos das intervenções do poder de Estado, liberando-as, mas submetendo-as a um estatuto, algumas poucas, inclusive a rádio Tomate, manifestaram-se contrárias a fim de manter sua proposta original.



“O que estamos a fim não é de fazer grandes rádios livres, mas de fazer nossas rádios livres. O que estamos a fim não é de difundir com meios sofisticados, nem de ampliar nosso alcance, mas simplesmente de que parem de encher nosso saco em nossa frequência de onda. Também não estamos preocupados nem com reconhecimento nem com eventuais julgamentos de valor; estamos pouco ligando para o índice de audiência, pois quem quiser que nos escute; se não, basta virar o botão. Queremos ser os únicos a garantir aquilo que nos agrada, aquilo que é a nossa produção, sem nos referirmos aos novos tipos de julgamento da mídia que se instauraram há mais ou menos um ano”. (Guattari, 1987: 115)

*“Em Bolonha, no começo, não éramos mais do que uma centena, estávamos um pouco num círculo vicioso e a Rádio Alice veio catalisar um processo, alguma coisa – que não é um traço comum, mas como dizê-lo de outra forma, sim, um processo atravessou as diversas autonomias – secundaristas, feministas, homossexuais, trabalhadores emigrantes do sul... Então começaram a se ampliar bastante os movimentos de auto-redução e de apropriação, a recusa ao trabalho, o absenteísmo, etc. Em 1976, Bifo, um dos principais animadores da Rádio Alice, foi detido por “incitação à revolta”.*

*Tudo isto desembocou nos motins de março de 1977. Aí se deu o racha: toda a vitrine do comunismo new look em pedaços! Trinta anos de boa conduta e de leais serviços, perdidos, desconsiderados aos olhos da burguesia.*

*Acreditava-se até então que o PCI e os sindicatos saberiam controlar o povo melhor do que ninguém! Dizia-se por exemplo: “in Cile i carri armati, in Italia i sindacati”. Mas Zangheri, o prefeito comunista de Bolonha, apelou para as forças repressivas em suas formas mais violentas. Invadir a cidade com carros blindados. Exortou pessoalmente a política ao combate com o lema: “Avante, é a guerra, essas pessoas têm de ser eliminadas, elas mesmas se excluíram da comunidade...” Éramos 15 mil na rua. Nunca se tinha visto isto em Bolonha! Alice nos informava a cada instante sobre tudo que estava acontecendo, por intermédio dos companheiros que telefonavam e que iam diretamente ao ar. Todos os processos e as prisões que se seguiram foram “justificadas” por este “papel” militar de Alice.*

*Conspirar quer dizer respirar junto, e é disso que somos acusados; eles querem nos impedir de respirar porque nós nos recusamos violentamente a respirar em seus locais de trabalho asfixiantes, em suas relações individuais, familiares, em suas casas*





*atomizantes. Há um atentado que confesso ter cometido, é o atentado contra a separação da vida e do desejo, contra o sexismo nas relações interindividuais, contra a redução da vida a uma prestação de salário.*

*Alice, figli di puttana. Todos estes pequeno-burgueses safados, nojentos, todos esses drogados, essas bichas, esses depravados, esses vagabundos, pirados, que querem sujar o coração de nossa bela Emília. Mas eles não conseguirão, porque, aqui, há trinta anos que todo mundo adquiriu altas consciências de classe. Até os pequenos patrões têm sua carteirinha do partido...E nossa juventude trabalhadora não se deixa levar por essas maquinações diabólicas. É o próprio povo que recusará esta aventura. E não me venham acusar o PCI de práticas antidemocráticas! Por toda parte nas fábricas, nos bairros, nas escolas, nós favorecemos a implantação de comissões populares, de conselhos de delegados. E são eles, hoje em dia, que tendem a tornar-se os melhores guardiões da ordem.*

*Por toda parte nossas necessidades devem ser representadas pelos porta-vozes delegados em troca de promessa de falar amanhã. Miniparlamentos e conselhos de colégio, conselhos de bairro, descentralização cultural, mil lugares delegados, nos quais as relações reais não mudam, que não nos dão poder algum; os patrões enviam para aí um sociólogo, um psicólogo, um antropólogo, um reformador, no final das contas um policial com seu cassetete.*

*O erro histórico. Fomos a eles com a mão estendida, queríamos explicar-lhes a linha justa de nosso partido. Na Universidade de Roma, Lama veio dar-lhes o ponto de vista dos trabalhadores. Expulsaram-no a pedradas. Eles não respeitam nada. “I Lama stanno nel Tibet”. Imaginem se o Partido Comunista Italiano, o partido dos trabalhadores e de todo o povo, se deixará intimidar muito tempo por um punhado de excitados, de agitadores irresponsáveis que se intitulam, a si próprios, os “índios metropolitanos”?! Nossa única fraqueza terá sido nossa paciência demasiado longa. A legitimidade do poder de Estado hoje em dia repousa sobre nós. E, em última instância, cabe a nosso partido apreciar aquilo que é bom para as massas, aquilo que não é.”*

*“Em Bolonha e em Roma acenderam-se focos de uma revolução sem relação alguma com aquelas que haviam sacudido a história até hoje. Focos de uma revolução que varrerá não somente os regimes capitalistas, mas também os baluartes do socialismo burocrático – quer eles se digam do eurocomunismo, de Moscou ou de Pequim. Seus fronts imprevisíveis incendiarão talvez os continentes, mas algumas vezes se concentrarão também num bairro, numa rua, numa fábrica, numa escola...Suas*



*implicações terão a ver tanto com as grandes opções econômicas, ou tecnológicas, quanto com atitudes, relações com mundo, singularidades de desejo. Por mais que os padrões, os policiais, os políticos, os burocratas, os professores, os psicanalistas conjuguem seus esforços para paralisar, canalizar, recuperar isso. Por mais que eles sofisticuem, diversifiquem, miniaturizem suas armas ao infinito, eles não conseguirão mais recuperar a tremenda virada, o imenso movimento de fuga, a pluralidade de mutações de desejo que já se desencadeou. A ordem econômica, política e moral do séc. XX está com rachaduras por todos os lados. E hoje os homens do poder não sabem mais o que fazer primeiro. O inimigo se faz às vezes imperceptível, alguma coisa arrebenta bem do seu lado, é seu filho, sua mulher, é seu próprio desejo que trai sua missão de guardião da ordem estabelecida! A polícia liquidou Alice – seu animadores têm sido perseguidos, aprisionados, condenados, suas sedes foram saqueadas -, mas seu trabalho de desterritorialização revolucionária continua incansavelmente até mesmo nas fibras nervosas de seus perseguidores. Nada de construtivo em tudo isto! Talvez nem seja esse o problema! O ponto de vista dos alicianos sobre a questão é o seguinte: o movimento que conseguir destruir a gigantesca máquina capitalista-burocrática será a fortiori capaz de construir um outro mundo – a competência coletiva no assunto vai sendo adquirida no caminho, sem que seja necessário, na etapa atual, arquitetar “projetos de sociedade” sobressalentes”.*

O texto Milhões e milhões de Alices no ar pode ser considerado representativo sobre o pensamento e a participação de Félix Guattari no movimento das rádios livres na Europa. Na forma de textos apresentados pelas rádios, o autor também revela suas teorias sobre revolução “molar” e “molecular”. Outro texto de Guattari, no entanto, faz uma reflexão sobre o contexto de existência das rádios livres. Ao mesmo tempo, traça uma perspectiva que o autor entende como em direção a uma era pós-mídia, tendo as rádios livres como embrião. O texto, prefácio da obra Rádios livres, a reforma agrária no ar (Machado, Magri, Masagão, 1987) fala das revoluções midiáticas preparadas pelas novas tecnologias da informática, o que representa uma visão de futuro sobre o que, em parte, começa a ocorrer quase 20 anos depois da publicação do texto, cujas condições merecem uma reflexão mais profunda.

#### *As rádios livres em direção a uma era pós-mídia*

*O fenômeno das rádios livres só toma seu sentido verdadeiro se o recolocamos no contexto das lutas de emancipação materiais e subjetivas. Na Itália e*



*na França, ele foi um dos últimos florões das revoluções moleculares que se sucederam aos movimentos de contestação dos anos 60. Nos últimos anos, a situação européia foi submetida a um congelamento social, político e cultural, para não dizer a uma onda de glaciação. Isso tem a ver com o esforço desse continente em manter seu lugar entre as grandes potências econômicas e militares que dele se distanciam cada vez mais. As diferentes categorias sociais que o compõem se apertam friorentamente umas nas outras, agarrando-se às suas “conquistas” e às suas ilusões. Só uma minoria de marginais consegue se manter fora do consenso reacionário. Nessas condições, a maior parte dos grandes movimentos de emancipação de encontram abatidos ou jogados para escanteio.*

*A situação é muito diferente no continente latino-americano e em particular no Brasil, onde centenas de milhões de pessoas se encontram marginalizadas em relação à economia dominante. E como nada autoriza esperar que elas possam vir a se integrar docemente em uma sociedade de tipo norte-americano, europeu ou japonês, é possível supor que elas só poderão afirmar seu direito à existência através da reinvenção de novas formas de luta e de expressão. Novas: porque manifestamente não se pode mais dar credibilidade aos métodos políticos obtusos e corporativos dos velhos partidos e sindicatos de esquerda. Sem dúvida, as lutas clássicas no campo do trabalho e na arena política tradicional continuarão a desempenhar um papel importante para o estabelecimento de relações de força globais com as classes conservadoras, mas elas não poderão mais dar um conteúdo verdadeiramente emancipador a essas lutas se as diferentes composições da esquerda permanecerem impregnadas de valores conservadores. A intervenção de uma inteligência alternativa, de práticas sociais inovadoras, como é o caso das rádios livres, parece portanto indispensável à saúde de centenas de milhões de explorados desse continente. Essa recusa parcial das práticas da esquerda tradicional não impede de maneira nenhuma que se estabeleça com ela alianças – por exemplo, nessa questão das rádios livres. Não implica, portanto, um fechamento sectário sobre os grupúsculos de extrema-esquerda que, de maneira mais velada, são também incapazes, na maioria das vezes, de entender as profundas mutações que se operam na sociedade contemporânea. Novas e mais amplas alianças podem ser criadas para reinventar novas formas de vida – talvez de sobrevivência – e de luta. Penso, por exemplo, em certos setores da Igreja ligados à teologia da libertação.*



*As primeiras rádios livres do Brasil foram acolhidas com uma certa reserva. Alguns recearam que sua aparição pudesse servir de pretexto para uma repressão violenta; outros só conseguiram ver nelas um replay dos movimentos dos anos 60. É bom que esteja claro, antes de mais nada, que o movimento das rádios livres pertence justamente àqueles – e eles são uma legião – que sabem que não poderão jamais se exprimir de maneira convincente nas mídias oficiais. Não se trata, portanto, de um movimento esquerdista, mesmo se são os esquerdistas os primeiros a se engajar corajosamente nessa perspectiva. Isso quer dizer, no meu modo de ver, que os seus atuais representantes deveriam evitar todo sectarismo e toda rigidez. Parece-me evidente que em uma etapa ou outra do processo atual deverão ser estabelecidas negociações com as autoridades. Parece-me absurdo e irresponsável proclamar que as negociações sobre as condições de exercício das novas mídias serão recusadas por princípio. A questão toda está em fazer essas negociações nas melhores relações de força possíveis para os movimentos de emancipação dos jovens, das mulheres, dos negros, dos trabalhadores, das minorias sexuais, dos ecologistas, dos pacifistas, etc.*

*As rádios livres não nasceram de um fantasma da belle époque dos meia-oitos, como escreveu um jornalista da Folha de São Paulo. Trata-se, pelo contrário, de um movimento que se instaurou, nos anos 70, como reação a uma certa utopia abstrata dos anos 60. As rádios livres representam, antes de qualquer outra coisa, uma utopia concreta, suscetível de ajudar os movimentos de emancipação desses países a se reinventarem. Trata-se de um instrumento de experimentação de novas modalidades de democracia, uma democracia que seja capaz não apenas de tolerar a expressão das singularidades sociais e individuais, mas também de encorajar sua expressão, de lhes dar a devida importância no campo social global. Isso quer dizer que as rádios livres não são nada em si mesmas. Elas só tomam seu sentido como componentes de agenciamentos coletivos de expressão de amplitude mais ou menos grande. Elas deverão se contentar em cobrir pequenos territórios; poderão igualmente pretender entrar em concorrência através de redes, com as grandes mídias: a questão fica aberta. O que, no meu modo de ver, a resolverá é a evolução as novas tecnologias. As rádios livres, e amanhã as televisões livres, são apenas uma pequena parte do iceberg das revoluções midiáticas que as novas tecnologias da informática nos preparam. Amanhã, os bancos de dados e a cibernética colocarão em nossas mãos meios de expressão e concertação por enquanto inimagináveis. Basta que esses meios não sejam sistematicamente recuperados pelos produtores de subjetividade capitalista, ou seja, as*



*mídias “globais”, os manipuladores de opinião, os detentores dos star system político. Trata-se, em suma, de preparar a entrada dos movimentos de emancipação numa era pós-mídia, que acelerará a reapropriação coletiva não apenas dos meios de trabalho, mas também dos meios de produção subjetivos”.*

Berardi (2002) escreve que enquanto o sistema midiático tornava-se o agente central da colonização mental e do autoritarismo político, Guattari falava da sociedade pós-midiática. Os progressos da informática tornariam possível uma larga difusão de combinações rizomáticas. Segundo ele, “relações bidimensionais e multidirecionais entre coletivos de enunciação pós-midiática”. Estas combinações, assim como seus modelos relacionais, iriam infectar o sistema televisivo centralizado, para depois perturbar e desestruturar todas as formas hierárquicas estatais e econômicas.

Guattari descreve a utopia da rede, rizoma proliferante de cérebros e de máquinas. Aquela utopia se encarnou na tecnologia, na cultura, inclusive na imprensa. Mas como todas as utopias, naturalmente, não é pacífica, afirma Berardi (2002). Trava-se uma guerra interminável entre o domínio e a liberdade. No transcorrer dos anos 90, o rizoma desenvolveu-se, mas foi contaminado por vírus semiotizantes de natureza centralizadora e hierarquizadora. A penetração da publicidade, do business, da televisão na rede telemática foi um dos aspectos dessa infiltração. A profecia pos-midiática de Félix Guattari segue sendo desmentida e confirmada a cada dia pela dinâmica incessante do domínio e da liberdade.

Mas o ponto filosoficamente mais importante da profecia pos-midiática de Félix Guattari, conforme pensa Berardi, é refletir sobre o que quer dizer midiatização, e em que medida isto envolve, incomoda, reprime, apaga a singularidade corpórea. Os indivíduos estão presos no emaranhado midiático porque isto torna possível uma expansão da experiência, mas este emaranhado corre o risco de continuamente paralisar, imbecilizar, destruir a sua singular sensibilidade.

Se Guattari, como teórico do movimento das rádios livres e de tantos outros, foi capaz de antever a sociedade em rede, estes conceitos encontram-se hoje no centro de um grande debate, onde convivem liberdade e domínio, possibilidade de existência global e aprisionamento da expressão. Os rizomas se ramificam e se reticulam, num intenso processo de desterritorialização e reterritorialização das relações sociais, conforme pensam Guattari e Deleuze(1997). Nesse sentido há muitas correntes de pensamento.



Lévy (2001:12), com otimismo, entende que o mundo que se edifica hoje não é perfeito, tranquilizador ou protetor. Está incessantemente entre o caos e a desorganização. Mas é nessa borda da ordem e do caos, segundo o autor, que se situam a invenção e a energia espiritual máxima. “Na grande roda da vida, os dois movimentos, nascimento e morte, são complementares”. A comunicação virtual, em que todos estão interessados nas mesmas coisas, como afirma Lévy (2001), num mundo pela primeira vez mundial, pode representar, segundo Virilio (1993) um desequilíbrio freqüente entre a informação direta e a informação indireta, fruto do desenvolvimento de diversos meios de comunicação. Isto tende, pensa ele, a privilegiar indiscriminadamente toda informação mediatizada em detrimento da informação dos sentidos, fazendo com que o efeito real pareça suplantar a realidade imediata. Virilio (1993) afirma ainda que a abolição das distâncias de tempo leva à perda de significado de várias referências simbólicas e históricas.

Estas são apenas algumas reflexões entre tantas sobre a era pos-midiática. Evidenciam, antes de qualquer coisa, o perfil provocador do pensamento de Félix Guattari, enxergando possibilidades futuras ainda no fenômeno das rádios livres. Perspectivas que permitem hoje, pelo espaço virtual, a produção de todos para todos, sem uma emissão centralizada para uma recepção dispersa. Boa parte da produção na internet, especialmente blogs que se expandem a cada momento, obedece ao desejo embrionário das rádios livres de fazer o seu espaço e não de difundir por meios sofisticados, sem pensar na ampliação do alcance já existente na rede. Em alguns casos, reúnem uma combinação de citações literárias, de música clássica, diálogos sem estrutura, linguagem desenfreada e reportagens dentro de acontecimentos diversos. São diários íntimos e públicos. Não há preocupação com índices de audiência ou eventuais julgamentos de valor. Querem garantir aquilo que os agrada. Quem quiser acessar que acesse, senão, basta clicar em outro espaço.

### **Referências bibliográficas**

- BERARDI, Franco. "Postmedia" in MEDIA ACTIVISM; Strategie e pratiche della comunicazione indipendente; mappa internazionale e manuale d'uso; Matteo Pasquinelli (org). Roma, DeriveApprodi, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI. Mil Platôs. vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- GUATTARI, Félix. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_ e ROLNIK, Suely. Micropolítica, cartografia s do desejo. Petrópolis: Vozes,



1986.

LÉVY, Pierre. A conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Ed.34, 2001.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Celso; MASAGÃO, Marcelo (Orgs.). Rádios livres. A reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro: Ed.34,1993.